2.ª SERIE. TOMO I.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 31. QUINTA FEIRA, 7 DE JUNHO DE 1849. 8.º ANNO.

CONHECIMENTOS UTEIS.

Notas do Banco de Lisboa.

508 A crise politica, financeira e economica de 1846, abalou tão profundamente o nosso paiz, que só mui tarde poderá elle recobrar-se dos estragos que soffreu.

Não procurarei enumerar estes incalculaveis estragos, nem tão pouco as suas causas: não caberia isso nos limites de um artigo para a Revista Universal, e outro é o meu objecto.

Entre os desastrosos successos que mais avultam n'essa epocha, figura o esgotamento do metal nas caixas do Banco de Lisboa, e a cessação do pagamento das suas notas.

Com fundamentos, que fôra longo enumerar, concedeu-se uma moratoria para o pagamento d'este papel, e deu-se-lhe curso forçado temporario.

Prorogaram-se diversas vezes estas providencias, até que em 19 de Novembro de 1846 se regulou definitivamente o modo por que as notas deveriam ser admittidas como moeda, e se fixou a sua amortisação.

Alteraram-se depois, em 10 de Março de 1847, as regras assim estabelecidas; e successivamente se adoptaram muitas disposições, já para augmentar a amortisação, já para restringir a entrada obrigatoria das notas nos pagamentos.

A importancia dos interesses ligados com a sorte das notas, e a influencia que tem sobre todo o mecanismo economico de um paiz as alterações no seu meio circulante, davam um caracter gravissimo a essas providencias, que — é força dize-lo — muitas vezes andaram longe dos bons principios, e por isso aggravaram o mal em vez de remedia-lo.

Supponho que ninguem contestará que poucas pessoas conhecem cabalmente as doutrinas relativas ao credito e á circulação; e que menos ainda estão no caso de bem as applicar á complexa e difficil situação em que nos achamos.

Todavia, o estado das notas do Banco de Lisboa, os phenomenos que ellas apresentam, e a influencia do seu valor sobre tantas fortunas, devem interessar, no mais alto gráu, aos legisladores, aos homens de negocio em geral, e especialmente a quem possue notas, ou quer especular sobre ellas.

Lembrei-me pois — sem a pertenção de querer passar por um theorico abalisado, ou um consummado pratico — de publicar o resultado das minhas observações e meditação, procurando lançar alguma luz sobre o que são as notas, e o que poderá augmentar ou diminuir o seu valor.

Natureza das notas do Banco de Lisboa.

Qual é a natureza das notas do Banco de Lisboa? — Além da qualidade generica de *mercadoria*, que é commum a todos os valores permutaveis, as notas tem qualidades especiaes: são — um *papel de credito*; — um *papel moeda* para certos pagamentos; — e um *meio circulante*, sem essa qualidade, para certas transacções.

São papel de credito, porque representam sommas que se promettem pagar, e que se acredita que serão pagas dentro de um praso, mais ou menos largo. São papel moeda para os pagamentos que se fazem ao estado e que o estado faz, com um quarto em notas; e para os pagamentos que se fazem ao Banco e que o Banco faz, entrando metade na mesma especie. São meio circulante para a compra e venda de inscripções, e de acções do Banco e de outras companhias.

Não ha papel de credito, por mais seguro que se considere, que tenha um valor egual ao que representa: mesmo sendo pagavel n'um dia determinado, e não havendo a menor duvida sobre a pontualidade do pagamento, o seu valor terá de menos que o nominal o juro correspondente ao tempo que faltar para o vencimento.

Quando o papel de credito não tem praso certo para o pagamento; ou quando, por quaesquer motivos, se póde temer a falta de cumprimento da promessa de o pagar, seja ou não em epocha determinada — accresce ao juro que se abate quando ha segurança, um premio de risco, tanto maior quanto mais se desconfia.

Era, portanto, inevitavel que as notas tivessem um consideravel desconto ou agio, visto que, não se podendo deixar de suppor demorado o pagamento, devia ser importante o juro a abater; e havendo fun-

dados motivos de desconfiança, quanto á sua realisação, tambem devia ser forte o premio de risco a deduzir.

Se todas as notas fossem pagaveis no fim de um praso estabelecido, e não tivessem outra qualidade senão a de papel de credito: se todas se conservasem em poder de seus donos, unicamente á espera do dia do pagamento — o seu valor seria o nominal menos o juro e o premio de risco. N'esta hypothese as compras e vendas não produziriam outro effeito senão o de passarem as notas, das mãos de uns para as de outros possuidores, que as conservariam com o mesmo fim de esperar o pagamento; e o valor não teria outras variações além das que resultariam de haver mais ou menos *offerta*, que *procura*, dentro d'esse circulo.

Ainda que as notas não tivessem praso marcado para o pagamento, mas devessem todas ser pagas na mesma occasião, subsistiria o que fica dito, quanto ao seu valor; sómente haveria a differença de que o juro seria estimado sobre probabilidades, visto não se conhecer o tempo certo do embolso.

O valor das notas, tomadas como se fossem unicamente papel de credito, pagavel n'uma só epocha, deve pois considerar-se o seu *valor fundamental*.

Se porém, da somma total das notas, se destacasse uma porção, para um fim qualquer, este novo emprego produziria necessariamente um augmento n'esse valor fundamental; augmento que subsistiria em quanto a porção de notas, assim destacada, não voltasse á massa geral de que sahíra.

Ha, com effeito, uma quantia de notas que fazem o officio de moeda para os pagamentos ao estado e pelo estado, e ao Banco e pelo Banco; e que para isso foram destacadas da massa geral das notas. Esta separação está influindo, e continuará a influir para o augmento no valor da mercadoria; e se por acaso cessar, as notas separadas serão offerecidas ás pessoas que só compram e conservam notas como papel de credito, e o preço de todas diminuirá infallivelmente.

Outra somma de notas é occupada, como meio circulante, na compra de inscripções, e acções do Banco e de outras companhias; e a respeito d'ella póde dizer-se o mesmo que ácerca das necessarias para os mencionados pagamentos. Tambem o emprego d'uma porção de notas, como meio circulante, deve concorrer para melhorar o valor da massa geral; e do mesmo modo, se tal emprego acabar, ha de haver diminuição n'esse valor.

Digo que as notas que entram nos pagamentos ao Estado e pelo Estado, e ao Banco e pelo Banco, são papel moeda; e que as empregadas na compra de inscripções e acções são meio circulante. Esta distincção está na natureza das coisas; porque n'esses pagamentos as notas recebem-se, forçadamente, pelo nominal, como se foram cruzados novos, sem attenção alguma ao agio; e as notas que se dão por inscripções e acções, ainda que se tomem apparentemente pelo representativo, dependem do valor do mercado, e recebem-se por acordo entre quem contracta: são, é verdade, um intermediario para as transacções, como tantos outros, mas sem valor fixo: dão-se mais ou menos notas por certa quantia de inscripções, conforme o valor que um e outro papel tem no mercado. As notas admittidas nos pagamentos são papel moeda, e tambem meio circulante, porque são um *meio* para a circulação; porém as que servem para as transacções são só meio circulante, e não papel *moeda*, porque não se tomam na realidade pelo que representam.

Aonde, e como existem as notas do Banco de Lisboa.

Tendo especificado as differentes qualidades que se devem considerar nas notas, é mister examinar aonde, e em que situação se acham.

Tomando a palavra — mercado — na sua accepção mais lata, entendo que o mercado das notas abrange a sua totalidade, salvo as que existem como moeda e como meio circulante.

Todas as notas conservadas em poder de particulares, como papel de credito, póde dizer-se que estão no *mercado geral*; porque se não se offerecem á venda é porque os possuidores sabem que não obteriam um preço conveniente: logo que lhes fosse possivel alcança-lo, a offerta não tardaria.

Quanto ás notas que estão no Banco, — são de particulares que as depositaram, e que podem tira-las quando quizerem; ou estão capitalisadas, mas temporariamente, e hão de sahir no fim dos prasos; ou são proprias do Banco, que póde e talvez precisa emitti-las para diversas applicações: pelo que é manifesto que se devem considerar todas no mercado geral.

Parece, não obstante, indispensavel fazer uma distincção entre o mercado geral das notas, e o seu *mercado activo* — o mercado onde se vae fazer a offerta e a procura — onde se realisam as transacções. Quando ha grande quantidade de uma mercadoria, como, por exemplo, succede a respeito do vinho, no Porto, diz-se que toda a mercadoria está no mercado, porque toda é para vender, e toda se venderia se o preço contentasse; mas ha um mercado activo que comprehende, de uma parte, a offerta effectiva da porção que se quer ou precisa vender pelo preço, maior ou menor, que derem os compradores; e, de outra parte, a procura effectiva da quantidade que no momento se quer comprar. A totalidade da mercadoria influe no preço, por isso que toda se póde offerecer á venda; mas o que o determina é a porção que se pretende effectivamente vender, comparada com a procura. Do mesmo modo, o mercado activo das notas comprehende a offerta das que se querem vender sem demora; e a procura das que são precisas, ou que o preço convida a comprar.

Disse que a unica excepção — a unica porção de notas que se devia reputar fóra do mercado, era a das notas que existem com a qualidade de moeda e de meio circulante. As notas destacadas da massa geral para o giro dos pagamentos ao Estado e pelo Estado, deixam de ser mercadoria, em quanto se conservam como moeda: isto é, em quanto estão na mão dos contribuintes que vão pagar com ellas; em quanto se demoram em poder dos cobradores, thesoureiros, e pagadores; e em quanto se transmittem d'um logar para outro, para realisar pagamentos. Quando porém as notas, depois de servirem de moeda, se

destinam immediatamente á venda, ou se vendem com effeito, perdem essa qualidade, e entram no mercado, até que, sendo novamente compradas, tornam a tomar a qualidade que tinham perdido; e assim successivamente. O mesmo se póde dizer em relação aos pagamentos ao Banco e pelo Banco, e á negociação de inscripções e acções.

Deve portanto concluir-se que os mencionados pagamentos e transacções entretem em giro constante uma porção de notas, maior ou menor, parte com as qualidades de moeda e meio circulante, e parte no mercado activo; por isso que as notas não podem passar immediatamente das mãos d'aquelles que recebem, para as d'aquelles que entregam, quer seja nos pagamentos, quer nas transacções: tem de demorar-se em poder de muitas pessoas, em quanto os pagamentos se não effectuam; em poder de muitas outras que as recebem, e não as vendem logo; e em poder dos cambistas, que, na qualidade de agentes de quasi todas as operações do mercado activo, compram a uns, e vendem a outros. De sorte que, cessando este giro, iriam todas as notas que n'elle andam como papel moeda e como meio circulante, e bem assim todas as que o mesmo giro retem no mercado activo, augmentar a offerta de notas com a qualidade unica de papel de credito; e vê-se bem quanto essa offerta diminuiria o valor da somma total.

Se, pelos motivos que expuz, todas as notas estão no mercado geral, com uma só excepção, póde dizer-se que a circulação das notas, tomada tambem na accepção mais ampla, as comprehende sem excepção alguma. A mercadoria não está ou deixa de estar na circulação, porque se demora menos ou mais em poder dos seus possuidores; e por muito rapidas que sejam as operações, sempre a mercadoria se conserva algum tempo em poder de uns, antes de passar para as caixas ou armazens de outros: a mercadoria acha-se na circulação, logo que está disponivel para ser vendida ou empregada de qualquer modo, e logo que a sua venda ou emprego depende tão sómente de se offerecerem aos possuidores condições que lhes agradem.

Comtudo é mister fazer uma distincção similhante á que fiz quanto ao mercado. Se todas as notas podem dizer-se na circulação, convém distinguir da *circulação geral*, a *circulação activa*. N'esta acham-se as notas que existem como moeda e como meio circulante, e as que andam no mercado activo.

A collocação e a qualificação das notas é, a meu ver, a seguinte:

Todas na circulação geral;

Todas no mercado geral, menos as que existem como moeda e como meio circulante;

Parte na circulação activa;

Uma parte d'estas no mercado activo, como mercadoria;

Outra parte das mesmas, fóra do mercado activo, como moeda e como meio circulante.

Operações do mercado activo das notas do Banco de Lisboa.

Não obstante poder-se já formar uma idéa generica do mercado activo das notas, entendo que é util examinar mais miudamente as suas operações.

Os credores e servidores do estado recebem um quarto em notas nos pagamentos do Thesouro Publico, e estas operações produzem necessariamente vendas de notas; porque todos ou quasi todos os servidores do estado, e grande parte dos juristas, não podem deixar de vender as notas que recebem, por maior que seja o desconto; e o mesmo estado precisa vender importantes quantias, para realisar certos pagamentos em metal. Por outro lado, como tem de entrar em todos os pagamentos que se fazem ao estado, com pequena excepção, um quarto em notas, as pessoas que precisam fazer estes pagamentos vão ao mercado comprar as notas necessarias.

Temos pois duas ordens de operações motivadas pelo pagamento ao estado e pelo estado com o quarto em notas; operações de compra e de venda, que supponho, não sómente correlativas, mas equivalentes, ou quasi equivalentes. Se ha alguns contribuintes que tiram da massa das notas conservadas como papel de credito, aquellas com que tem de pagar, tambem alguns dos credores e servidores do estado conservam, com a mesma qualidade de papel de credito, e fóra da circulação activa, as notas que recebem.

Assim a admissão do quarto em notas nos pagamentos, occupa no mercado activo, e fóra d'elle, mas tambem na circulação activa, uma certa quantia de notas que não soffre grandes alterações; e as operações que resultam d'essa admissão, não influem directamente no preço, porque a offerta é egual ou quasi egual á procura. Entretanto é mui grande a sua influencia indirecta, pela rasão, já ponderada, de entreter na circulação activa, uma somma que, aliás, iria juntar-se á massa das notas conservadas unicamente como papel de credito.

Tiram-se da massa das notas que estão fóra da circulação activa, porções que são levadas, posto que indirectamente, ao mercado activo; e que, com maior ou menor demora, voltam á mesma posição d'onde sahiram. Succede isto, por exemplo, fazendo-se emprestimos em notas para pagar na mesma especie: passam as notas da mão dos mutuantes para a dos mutuarios, que vão vende-las ao mercado; depois, quando os emprestimos se vencem, ou quando convém aos mutuarios, concorrem estes ao mercado, e compram as notas que tem de pagar.

É util, como no caso antecedente, observar, uma em frente da outra, estas duas ordens de operações, que nem sempre se podem dizer correlativas, — nem sempre se podem ter por equivalentes; mas que, a meu ver, tomadas na generalidade, são uma e outra coisa, salvo pequenas differenças. Não serão correlativas e equivalentes coetaneamente; porque póde haver n'uma epocha muitos emprestimos, e poucos ou nenhuns pagamentos, ou vice-versa. Não obstante, como todos os emprestimos se hão de pagar, poderá bem affirmar-se que, na generalidade, e sem attenção a epochas, as operações de venda corresponderão ás operações de compra; e virá, afinal, a equilibrar-se a acção d'essas duas ordens de operações sobre o mercado.

Tirando da somma total das notas as que andam no gyro dos pagamentos, e da negociação de inscripções e acções, o restante é, como tenho dito, uma

massa de notas que se guardam como papel de credito, á espera de melhor preço, ou talvez do pagamento pelo nominal, para a amortisação. Os possuidores, mesmo por motivos estranhos á situação das notas, podem resolver-se a levar ao mercado activo algumas porções; ou podem querer vender, incitados por um preço que lhes produza muito mais que o custo da mercadoria; ou, finalmente, podem achar conveniencia em se desfazerem das suas notas, por temerem que o valor diminua, ou se conserve estacionario, ou não tenha o augmento correspondente ao juro do capital e ao premio de risco.

Por outra parte, a idéa de que o augmento no valor das notas será tal que dê para o juro e para o premio de risco, póde persuadir a fazer compras.

Eis-ahi mais duas ordens de operações, contrapostas uma á outra: uns a venderem notas por não as quererem como papel de credito, e outros a comprarem notas por quererem conserva-las n'esta qualidade.

Tanto as operações de venda como as de compra, podem ser feitas em troca de metal, ou de inscripções, ou de acções do Banco e d'outras companhias. Umas e outras operações podem fazer-se sem alterar a quantidade de notas que anda no mercado activo; ou alterando esta quantidade para mais ou para menos.

Falta sómente mencionar uma ordem de operações que tiram notas do mercado activo sem que haja outra ordem de operações correlativas, que façam o contrario: são as compras para a amortisação.

De se realisarem certos pagamentos com o quarto ou a metade em notas, resulta que se tiram notas do mercado activo, e se levam notas a esse mercado; e o mesmo succede com os emprestimos em notas, e com a negociação de notas a troco de metal ou de inscripções e acções; porém a amortisação não vae ao mercado activo senão para lhe tirar notas.

A admissão de notas nos pagamentos faz comprar e vender quasi egual somma; e os emprestimos em notas estão no mesmo caso. Sómente a negociação de notas a troco de metal ou de inscripções e acções póde levar ao mercado activo mais notas do que tirar-lhe. É pois, por meio d'esta negociação que haverá no mercado activo as notas que, mais ou menos directamente, se hão de lá ir buscar, para serem applicadas á amortisação.

Observações sobre o preço das notas no mercado activo.

Suppondo já bem conhecidas as operações do mercado activo das notas do Banco de Lisboa, parece-me ainda conveniente fazer algumas observações sobre o seu preço. Este campo seria immenso se me propozesse a expor amplamente as causas que podem alterar o preço das notas; porém, sendo forçoso restringir-me aos limites que me impuz, e que porventura se julgarão ainda demasiado largos, não posso fazer mais que offerecer ao publico algumas reflexões que julgo mais importantes.

O modo por que em Lisboa — onde é o mercado principal das notas — se enuncia o preço d'este papel, é certamente bem improprio, e causa bastante confusão: em logar de se enunciar o preço ou o valor real do mercado, enuncia-se o desconto, a que se dá o nome de *agio;* e é muito commum ouvir dizer, quando o agio é maior — as notas estão mais caras — as notas sobem; o que é um contrasenso, porque, augmentando o agio, as notas estão mais baratas. No Porto é outra a pratica, indica-se immediatamente o seu valor real. Para maior clareza tenho fallado sempre no valor das notas, e nunca no agio; e continuarei do mesmo modo.

Ha condições que são communs a todos os mercados. Quando o preço de uma mercadoria está subindo, por um motivo qualquer, estranho á procura ordinaria, fazem-se, não só as compras que, aliás, se fariam, mas muitas outras. As pessoas que sabem que precisarão mais tarde da mercadoria, apressam-se a comprar, para evitarem o maior custo; e outros compram com o intuito de ganharem na differença do preço. D'este modo a subida é ao mesmo tempo causa e effeito: as compras produzem augmento de preço, e o augmento produz compras. Isto dura até que os possuidores da mercadoria, conhecendo que podem realisar boa venda, e temendo que a subida não continue, se decidem a vender; então chega o que se chama *reacção:* a subida pára, ou mesmo ha diminuição no preço, até que a causa real do augmento, torna a fazer o seu effeito, mas moderadamente e com certa regularidade. — Veremos como todos estes phenomenos economicos apparecem no mercado das notas.

O maior elemento do desconto no valor das notas, é o premio de risco: as notas valem tanto menos quanto mais se desconfia. — Mas a desconfiança é o receio de males que podem sobrevir: e que males podem temer-se em relação ás notas?

As notas são essencialmente papel de credito, que val porque se crê no pagamento ou na amortisação; e uma porção é destacada e applicada ao gyro de certos pagamentos e de certas transacções, augmentando-lhes o valor. Todos os males, pois, que se podem temer para as notas se hão de referir precisamente ás duas circumstancias — *amortisação e applicação.*

Se houver motivos para recear que a amortisação acabe ou seja diminuida; ou para temer que o mesmo succeda á applicação de notas aos pagamentos e ás transacções, esse receio, ou temor, ou desconfiança, ha de forçosamente augmentar o premio de risco — ha de diminuir o valor das notas.

Se pelo contrario se der um facto que destrua, em grande parte, o temor de que as notas percam o emprego que tem nos pagamentos e nas transacções; e outro facto que diminua muito os receios a respeito da amortisação, o premio de risco terá grande reducção, e o valor das notas grande augmento.

Supponhamos que se dão, com effeito, ambos os factos. Para logo, além das compras ordinarias, se farão muitas outras, por prevenção ou especulação. Os contribuintes comprarão notas para o quarto e para os dez por cento dos pagamentos, que tiverem de fazer immediatamente; e comprarão as mais que poderem para os pagamentos futuros, preferindo o desembolso antecipado á compra por mais alto preço. Os devedores ao Banco farão o mesmo para a metade em notas, que entra nos seus debitos. Os devedores por

emprestimos em notas, assustados com o augmento, apressar-se-hão a fazer compras para pagar. Finalmente, os especuladores irão ao mercado, com metal e com inscripções e acções, comprar notas, para as venderem depois por maior preço. Assim acontecerá o que se vê em qualquer mercado: quanto mais compras de notas, mais augmento; quanto mais augmento, mais compras. Depois virá a reacção: os especuladores, convidados pelo preço, venderão; a subida parará, ou mesmo haverá alguma queda, por se contentarem alguns especuladores com menos, ou porque haja menor procura ordinaria, em virtude das compras antecipadas. Comtudo o preço não tardará em entrar n'uma marcha regular, sempre muito mais alto do que estava antes dos factos que motivaram o movimento.

O que fica dito succederá necessariamente se ambos os factos occorrerem, e mesmo se realisaria, posto que em menor gráu, por effeito de um só; porém a respeito da amortisação deve notar-se uma circumstancia especial.

Á proporção que se forem queimando porções de notas, augmentará o seu valor; porque se irão desvanecendo os receios de quebra na amortisação; e porque diminuirá a quantidade da mercadoria. Mas a amortisação actuará ainda mui fortemente sobre o preço das notas, por outro modo, não proporcional.

A amortisação é forçada: o Banco deve aprompt-ar as sommas de notas que lhe são prescriptas, e os contribuintes tem de entregar as notas correspondentes aos dez por cento dos seus pagamentos. Embora haja muita procura em relação á offerta; embora, por isso, o preço augmente — a compra para a amortisação ha de fazer-se; e isto obriga a elevar ainda mais o preço, até que os possuidores se determinem a vender: de um lado liberdade para vender ou recusar, e do outro necessidade absoluta de comprar. D'esta maneira os compradores podem ser forçados a dar o que os vendedores quizerem. Póde acontecer o que se observa sempre quando ha monopolio: mesmo sem combinação pessoal, só por instincto mercantil, os possuidores de notas podem ser levados a aproveitar-se, ou a abusar da posição forçada dos compradores. Ainda quando naturalmente se devesse tirar do nominal das notas o premio de risco, poderiam repellir tal abatimento; quando já não houvesse motivo para descontar o premio de risco, e sómente se devesse deduzir o juro, poderiam tambem não querer subtrahi-lo, e dizer sómente: vós precisaes comprar, e nós não queremos vender senão por tal preço — não consideramos nem premio de risco nem juro. Esta exigencia poderia unicamente ser modificada pelo temor que teriam uns de que outros se contentassem com menos: se não fôra esta consideração poderiam os possuidores de notas, ainda mui longe do termo da amortisação, exigir um preço muito pouco abaixo do nominal.

Continuando a applicação que tem actualmente as notas; e sendo garantida, quanto é possivel, a amortisação decretada, deverá vêr-se um augmento grandissimo no seu valor; porque as causas que deixo especificadas hão de produzir infallivelmente os seus resultados. Com especialidade se hão de sentir os effeitos da *especulação*, que ha de contar com a acção forçada de certos compradores; acção cuja efficacia crescerá conforme diminuir a massa das notas.

E seria acaso uma desgraça esse rapido augmento no valor das notas? — Os servidores e credores do estado teriam grande reducção no sacrificio que soffrem quando vendem o quarto em notas que recebem. Os credores do Banco tambem aproveitariam muito. Os possuidores de notas, que as conservam desde que cessou o pagamento em especies, ou as receberam em virtude da lei, pelo valor nominal, verão muito diminuido o prejuizo a que estavam expostos. Só os contribuintes seriam obrigados a desembolsar tanto mais quanto mais caro lhes custassem os dez por cento em notas. Mas examinemos este ponto.

Que destino se dá ás notas entregues pelos contribuintes? — Erradamente se diz que os contribuintes pagam, em logar do Banco, as notas que este devêra satisfazer: os contribuintes pagam ao Estado, o Estado paga ao Banco, e o Banco paga ou amortisa as notas. Os dez por cento em notas inutilisam-se apenas entregues, e encontram-se depois nas dividas do Estado ao Banco. Assim ficam diminuidas estas dividas, e livre, para ter outro emprego, a importancia annual do juro que vencia a parte paga.

Entretanto deve ponderar-se que até que o valor das notas suba a certo ponto, o custo dos dez por cento será inferior ao agio que os contribuintes lucram no quarto admittido nos pagamentos; isto é, até esse ponto, os contribuintes desembolsarão menos do que dispenderiam se pagassem tudo em metal. Sómente quando o preço das notas subir ainda mais, começarão a ter maior desembolso. Então o pagamento dos dez por cento em notas lhes será oneroso. Mas para quem pagam os contribuintes? não é para os servidores e credores do Estado? Seria possivel que houvesse necessidade absoluta de pagar uma divida da nação, encontrando as notas que se vão inutilisando; e que este pagamento, em vez de pezar sobre os contribuintes, lhes fosse unicamente de proveito? Seria possivel que todo o onus do pagamento recahisse nos servidores e credores do Estado? Não seria natural, forçoso até, que aos contribuintes fosse pedido, por outro modo, o que aos servidores e credores do Estado se desfalca do que lhes é indispensavel e devido? — Depois de tudo bem ponderado ha de dizer-se: oxalá chegasse bem depressa o dia em que o valor das notas fosse muito proximo do nominal.

As conclusões que tenho tirado de principios economicos incontestaveis, são infalliveis como elles, ainda que alguns phenomenos pareçam contraria-las. Faz pasmar que homens que, aliás, mostram talento, e são juizo, digam e escrevam, a respeito das notas, verdadeiros absurdos. Não é raro ouvir-se ou ler-se — que a amortisação não serve de nada, porque na presença da queima de fortes porções de notas, o preço não desce, e até sobe; — que o valor das notas diminuirá tanto mais quanta mais gente houver interessada na diminuição, por ter necessidade de comprar; — que a diminuição do preço se obtem facilmente pelos *manejos* de quem tem de fazer as compras; — que para a conseguir basta *mostrar* aos cambistas massos de notas, como se fôra a cabeça de Medusa, etc.

Toda a diminuição na quantidade de uma mercadoria, dada a mesma procura, augmenta o seu valor; e se o augmento se não manifesta,— se acontece que, na presença d'esse facto, o valor não cresce ou diminue, é porque outra causa destroe os seus effeitos: em tal caso o que se deve ter por infallivel é que sem a diminuição da quantidade, a depreciação seria muito maior. Com relação ás notas — se, apesar da amortisação, o valor não subisse ou decrescesse, seria certissima a existencia de algum facto de natureza opposta: augmentaria acaso a desconfiança, e por consequencia o premio de risco; ou cessaria, effectivamente, em todo ou em parte, a applicação das notas aos pagamentos e ás transacções. Desconhecer isto fôra negar a evidencia.

«Em não havendo pessoas que precisem comprar «as notas, e que, por isso, interessem na sua baixa, «o seu valor ha de subir.» — Isto é o mesmo que dizer: — Em não havendo ninguem que queira as notas, o seu valor chegará ao par. Estará com effeito no poder de quem tem necessidade de comprar notas, diminuir-lhes o preço?

Eis-ahi como se faz o *manejo*, segundo as pessoas que assim discorrem. Os negociantes que tem necessidade de notas para o quarto e os dez por cento dos direitos das suas mercadorias, vão ou mandam os seus agentes com massos de notas *assustar* os cambistas. Logo aqui apparece uma difficuldade, que é não terem esses negociantes notas, por isso que precisam de as comprar; mas supporemos que as pedem emprestadas; e até que, suas ou não, vendem mesmo algumas, para produzir o panico. Em primeiro logar os cambistas não são gente que se illuda facilmente: adivinham — póde dizer-se que pelo faro — quem quer fazer transacções reaes, ou sómente apparentar offerta ou procura; adivinham quasi sempre a causa das operações que se lhes propõem, e quando entram em duvida *abstem-se*, até se descobrir o enigma. Já estão muito costumados a essas tentativas; já muitas vezes a experiencia lhes tem ensinado que a offerta de grandes porções de notas, por muitas mãos, e por caras exoticas no mercado, sem realisarem vendas, é precursora de uma forte e real procura.

Concedamos porém que o *manejo* surtiu algum effeito; que os cambistas se assustaram, e começaram a vender por preço alguma tanto mais baixo. Não esqueça que os negociantes que tem precisão de notas, hão de comprar as que venderam, fossem ou não suas; e mais as que lhe faltarem para os despachos. E será crivel que só uma pequenissima venda, *por negaça*, e a apparição de alguns massos de notas, correndo as lojas todas, sem se venderem, produza baixa no preço; e que depois os cruzados novos ou os soberanos, soando sobre os balcões, para verdadeiras compras, não sejam capazes de destruir essa baixa? Bastará que os negociantes digam: vamos assustar os cambistas, mostrando-lhes algumas notas; obriguemo-los assim a baixa-las; e mandemos, por outra parte, comprar-lhes, pelo preço diminuido, as notas que precisamos? É confiar demasiado na *innocencia* dos cambistas.

A verdade é que se a phantasmagoria da offerta produzir algum effeito, a procura ha de causar depois uma subida no preço, egual a essa diminuição, mais o augmento correspondente ás compras realisadas; salvo se a par d'estas compras houver vendas equivalentes, ou outras circumstancias que podem affectar o mercado.

Os homens que procuram merecer a consideração dos seus concidadãos, devem ter muito cuidado em se não cegarem por paixões, e em não fallarem ou escreverem sobre assumptos graves e difficeis, sem os estudar.

* * *

Tratado das doenças das arvores fructiferas, do meio de as evitar, e de as curar,

Por Ferdinand Rubens, professor de arboricultura, e director da Sociedade de Economia rural da Prussia Rhenana.

CAPITULO II.

(Continuado de pag. 351.)

MEIOS DE CURAR AS DOENÇAS DAS ARVORES.

§. 3.º — *Consumpção ou phtysica.*

509 Esta molestia póde provir ou da velhice ou de uma fertilidade excessiva. Tambem se origina do crescimento de numerosos filhos, da falta de alimentos, e de uma longa sêcca. Apparece tambem quando as raizes apodrecem, ou quando estas são roidas pelos ratos. A casca das arvores, attacada d'esta doença, está ordinariamente coberta de musgo: observa-se nas hasteas logares inflammados: as extremidades dos ramos definham-se; as folhas seccam e cahem cedo; a arvore apenas dá pequenos fructos e disformes, que, em geral, não amadurecem: o crescer vae cessando a pouco e pouco, até que a arvore sécca e morre.

Se a arvore é ainda nova, é preciso transplanta-la para um bom terreno, decotar bem os ramos, e tracta-la cuidadosamente; pois que ella póde crear forças, e dar ainda, por espaço de muitos annos, optimos fructos, que indemnisem do trabalho que com ella se teve.

Se as raizes foram roidas pelos ratos, é necessario lava-las, ainda que estejam reduzidas a mui pouco, envolve-las em pedaços de qualquer panno de lã, que se devem atar 3 ou 4 pollegadas da sua extremidade. Feito isto, junta-se e calca-se a terra á roda das raizes, e alguns dias depois ata-se a arvore a um espeque. De ordinario as arvores se restabelecem, e vigoram de pressa.

Se a arvore fôr velha, o que impede que se possa transplanta-la, deve-se cavar a terra á roda, e dar-lhe substancias que a nutram bem. Depois limpa-se do musgo de que está atacada, lava-se com agua salgada, ou com lexivia, cortam-se as partes affectas da inflammação, e cobrem-se as feridas com pêz.

De todos os adubios, que podem ser empregados para excitar o vigor de uma arvore, e restabelecer o seu crescimento, os mais energicos são os excremen-

tos velhos dos pombos e os das gallinhas. Colloca-se este estrume junto ás raizes, de modo porém que não fiquem em immediato contacto, e cobre-se com boa terra extrahida da horta. Uma arvore tractada assim é quasi certo que se ha de restabelecer.

§. 4.º — *Inflammação, e suas causas.*

A inflammação é uma das molestias mais perigosas das arvores fructiferas. Todos os annos milhares de arvores perecem d'este flagelo, que tem a sua origem entre o alburno e a casca, e que consiste n'uma viciação da seiva. Os primeiros symptomas apparecem na casca, que toma uma côr denegrida ou castanha, e que se enruga e fende successivamente nas partes atacadas. Algumas vezes o mal penetra até ao amago do tronco ou das hastes principaes. Então a casca destaca-se do tronco, e á medida que o mal progride, as partes interiores da arvore, bem como o alburno, ennegrecem como se tivessem sido expostas á acção do fogo. Quando o mal chega a este ponto, se o remedio tardar, a arvore morrerá.

Esta molestia apparece tanto no tronco como nos ramos: ataca indistinctamente as arvores fructiferas como as infructiferas. Entretanto as arvores de pevide, e entre estas as maceeiras, são as que de ordinario padecem mais d'este mal. Muitas d'entre estas são frequentemente atacadas, por causa da abundancia da seiva. Os pecegueiros, as amendoeiras e os damasqueiros de ordinario soffrem d'este mal quando ainda são novos; porém as cereijeiras e os abrunheiros são quasi sempre atacados na velhice.

Em geral póde dizer-se, que as arvores novas são as que estão mais sujeitas a esta molestia.

A superabundancia da seiva não é só a unica causa d'este mal: existem algumas mais, que vamos examinar.

(Continuar-se-ha.)

PARTE LITTERARIA.

Salomão de Caus.

(Continuado do n.º 30.)

510 Marion de Lorme estava um dia triste, e para a alegrar eram inuteis todos os esforços de Miguel Particelli. Os momentos passavam vagarosos em um jogo de palavras, que bem mostrava que havia força repulsiva no que todos julgavam amor.

— Senhor superintendente das finanças, confessae que não podeis com o deficit de graça e amor, que vos revelam os vossos livros... o vosso coração!

— Estou hoje infeliz — já S. Em.ª o cardeal...

— Não sabia que o nosso cardeal era invisivel; Particelli, não me tractes com tanta confiança, como S. Em.ª está presente...

— Quem sabe?

— Vamos, Miguel, não blasphemeis — são ciumes sacrilegos.

— A tua ambição...

— Póde tudo, menos fazer-me apaixonar por quem nem sequer olha para mim.

— Negas... então adivinhei.

— Estás insupportavel; fazes-me tanto somno como o Cid de... não me lembra.

— Corneille.

— Sim, é isso; um nome desconhecido.

— A proposito, Marion, vê como os meus amigos de Londres se enthusiasmaram por um pobre rapaz, que foi portador d'estas cartas.

Marion de Lorme, ao acabar de lêr, exclama:

— É um portento: aos vinte annos pintor e architecto; e sois um barbaro — um algarismo gigante, que não sabeis ter senão o valor que vos dão.

— Recebi-o como se fôra um principe...

— Sois mais injusto, que o cardeal.

— Offereci-lhe o meu palacio...

— Nem Luiz XIII é mais desconfiado...

— Mandei-o conduzir para a sua pouzada no meu coche...

— Sois um grande homem — escrevei-lhe já um bilhete — vou manda-lo ao vosso palacio; d'ahi será levado ao seu destino, e eu verei ainda hoje esse grande genio.

Miguel Particelli obedeceu a Marion de Lorme, e depois ficaram silenciosos por muito tempo — elle examinando varias contas, e Marion escrevendo algumas cartas.

Teria passado uma hora quando Marion começou novamente o dialogo:

— Miguel, não achas propria de um claustro a architectura d'esta sala?

— Parece-me que não inspira muito arrependimento.

— Mas converte em estatuas os homens que não sabem amar.

— Marion, que mais queres? tenho-te dado a minha fortuna!

— E a das finanças!

— O meu tempo...

— Que roubas ao cardeal, que te comprou os annos de vida...

— O meu coração...

— Não o acceitei nunca, não o acceito — é

um algarismo que vos faz errar todos os calculos.

— Marion, estás hoje menos formosa — já duas vezes fallaste em algarismo.

— É vossa a culpa: assemelhaes-vos a todos, incluindo a cifra, e exceptuando a unidade...

— Aqui era isso que eu queria ser.

— Ha impossiveis maiores — por exemplo, esse invento, em que vos fallam os vossos amigos de Inglaterra, e com o qual Salomão — vê que já lhe sei o nome — pertende revolucionar o mundo.

— E talvez que elle vença esse impossivel.

— E tambem o outro.

— Em seu favor.

— Enganas-te — ainda me não conheces — eu preciso do amor verdadeiro de um homem para que o desprezo, com que lhe pago, me inspire uma paixão por outro.

Ouvindo estas palavras o superintendente das finanças ficára attonito, mas não pôde responder, porque ao mesmo tempo foi annunciada a visita de Salomão de Caus.

(Continuar-se-ha.)

A tempestade no Laranjal.

511 Lá p'ra o lado do Levante,
Em turbilhão, n'um instante,
Mil nuvens vejo passar;
Já se tolda o claro céu,
E detraz de negro véu
Sinto ao longe trovejar.

Rastejando aquelle monte,
Desfilam no horisonte
Os phantasmas, cento e cento!
É a chuva, que se avança,
E á tranquilla bonança
Succede a furia do vento.

Do meu lindo laranjal,
Florído, e sem rival,
A copa vejo ondular;
Já cáe a flôr por terra,
Qual amor, qu'o peito encerra,
Vem saudade desfolhar.

Todo o pomar rumoreja,
E no negro solo alveja
A mimosa e branca flôr;
Qual no sombrio porvir
Se vê grata reluzir
Uma lembrança d'amor.

Gotas puras, cristallinas,
Já descem sobre as boninas,
Ao vibrar da larangeira;
Quaes de saudade agitados,
Cahem prantos magoados
Sobre esp'rança lisongeira.

E o vergel humectado
Rescende de perfumado
Sobre as azas da procella;
Como o aroma que exhala,
A lagrima que resvala
Sobre o alvo seio d'Ella.

Beijando a flôr cheirosa,
Que não tem inveja á rosa,
Parece mais lento o ar;
Qual o bardo, ora infeliz!
N'um passado, que não diz,
Gosta a mente descançar.

Range o tronco, a haste geme,
Com o sopro qu'inda freme
Por entre o pomar queixoso;
Como o peito fatigado,
Arqueja de magoado,
Apoz sonho tormentoso.

Denso ar já se rareia,
E o vento, que s'enfreia,
Vae a serra destoucando;
Solta a voz o rouxinol,
E tibio raio do sol
Os picos lá vem doirando.

Já vae longe a tempestade,
Já fragrante amenidade
Mora em todo o meu vergel;
Só no fundo da minh'alma,
Dôr pungente não acalma
Da saudade o doce fel.

Santarem, 2 d'Abril de 1849.

J. T. Lobo d'Avila.

Eu e Elle *.

512 Eu morri.

¿Então como é que escreve, e vae acabar o artigo? perguntará o leitor. Já respondo á sua pergunta.

Depois que uma das nossas mais elegantes pennas nobilitou os pronomes, concordaram todos que Ella era um mytho. Em nome das novas doutrinas sociaes requeiro a egualdade para os pronomes escriptos em versaletes, e solemnemente declaro que Eu tambem posso ser um mytho, e portanto suicido-me como tal, e apenas ficarei vivendo a vida prosaica de homem.

Vou escrever a historia do meu suicidio com a serenidade, com que Werther escreveu as suas mais

* Vide n.os 19, 20 e 24 do presente volume.

apaixonadas cartas. Se o auctor allemão sabia encarar com valor a sua morte de homem, tambem eu saberei ter coragem para acabar como mytho.

Era um sabbado — ainda não houve outro depois d'esse — o relogio da cathedral, quero dizer um relogio de parede, dá oito horas: a tempestade estala violenta sobre a minha cabeça: os relampagos fuzilam tanto para o nascente, que illuminam todo o horisonte: o céu é uma abobada negra e em partes incendiada; e é em tal occasião que um pé de vento faz abalar as cazas, e me apaga a luz, arremessando-me para o chão todos os papeis que tinha sobre a mesa. Levanto-me da cadeira em que me assentára, para contemplar esta scena magestosamente horrivel, e sinto que uma sege me pára á porta.

Era Elle. D'esta vez vae escripto em versaletes, para que o meu amigo possa ter o direito de se declarar mytho, e de morrer ficando vivo.

— Que novidade é esta? — exclamei eu assim que o vi entrar.

— Venho exigir formalmente que acabe o *Eu e Elle*.

— Não póde ser.

— Porque?

— Porque para mim está acabado.

— Mas...

— Curei-me da doença moral que o inspirára.

— N'esse caso declare que o auctor morreu.

— É possivel, apesar de que vive, e muito melhor vida do que a dos seus dias de *spleen*.

— Tome sentido, eu não desisto: *Eu e Elle*, ou a morte.

— A morte! respondi eu com voz tragica; e, emquanto durou o estampido de um trovão, escrevi as fataes palavras que estão no principio d'este artigo:

Eu morri.

Assim como muitos auctores escrevem o elogio das suas obras, porque são para isso as pessoas mais competentes, tambem eu escrevi o meu necrologio, para que as letras do alphabeto que por ahi assignam tanta miseria, me não venham insultar, com as suas parvoices, na minha ultima morada; e porque receio que, pondo os taes auctores de *necrologias* as suas mãos sobre a minha sepultura, me façam a terra pesada, isto em contradição com o seu desejo, orvalhado por uma lagrima de saudade, que lhe chega ao descorado labio.

Como mytho, descendo do mais novo dos deputados, que tem justamente a minha edade, e ao qual se deve o generico emprego d'esta palavra. Sou irmão da esthetica e plastica, primo de quanto nome grego, romano e arrevesado queiram imaginar. *De todo o ponto* é um parente meu, que vive desterrado em um paiz chamado — *artigos de fundo*. — Basta de genealogia. Fui bom filho, bom irmão, bom sobrinho, bom neto, bom primo, e não sei se poderia ser bom marido: fui recenseado — jurado, e se não morro, talvez que fosse deputado, por causa da rima do meu epitaphio, que fica junto ao testamento.

Esquecia-me dizer que fui bom amigo, e para prova, como prometti ao que me acompanhou a Cintra, publicar-lhe o que elle escreveu n'essa occasião, aqui o faço antes de concluir o necrologio.

O que se vae ler é d'*Elle*.

Versos escriptos no quarto da hospedaria.

On sourit de ce qu'on reve;
Mais ce qu'on a fait pleurer.

V. Hugo.

Versos escriptos na cortiça.

Et là, dans cette nuit, qu'aucun rayon n'étoile,
L'ame, en un repli sombre où tout semble finir,
Sent quelque chose encor palpiter sous un voile...
C'est toi, qui dort dans l'ombre, ó sacré souvenir.

Victor Hugo.

Versos escriptos na Peninha.

Perde-se a vista sequiosa
Pela vastidão spaçosa
De esse orizonte do mar;
Mas de balde, que a saudade
Acha só na immensidade,
O seu insistente olhar.

Procura-te em toda a parte
Sem nunca poder achar-te
A avidez do coração;
E depois, triste suspira,
Inconsolavel delira
Na angustiosa solidão.

Elle.

Agora Eu, e pela ultima vez. Para a parte poetica do necrologio basta o seguinte. A minha vida (de mytho) foi um sonho, que acabou na chamma em que dei cabo da descripção que fiz do que se me affigurou em Cintra, vendo surgir da campa todas as figuras historicas que povoaram aquelles paços reaes, vendo-as para lhes confessar os segredos da minha alma.

N'este ponto dou por findo o necrologio. Saibam que não voltarei á vida, como o folhetim do *Estandarte*.

N'este instante recebo a noticia de que o meu amigo, usando da faculdade que lhe concede a sua natureza de mytho, tambem morreu; e portanto separo d'este artigo a parte que o ía terminar, e a qual, com o titulo de — *Dialogo dos Mortos*, — fica para ser publicada em um dos proximos numeros da Revista, como minha obra posthuma.

Uma ausencia.

513 Dos regatos eu vejo as aguas puras,
Que do Tejo acrescentam a corrente:
É esta a selva deliciosa, onde
Descanço buscam na estação calmosa,
As auras perfumadas, baloiçando,
Do bardo as brancas rosas levemente!
Desditoso, infeliz, assim o cume
Tornas a ver do penhascoso monte;
Assim a pizar esta ribeira tornas!
Profugo, triste, de meu fado incerto,
Deixei a caza minha, alegres campos,

E os muros d'Ulyssea tão formosa;
Os amigos deixei, e a cara amante,
De meu constante amor delicia eterna,
Tudo abandono, e já vagando incerto
Me aparto saudoso e melancholico!...
Se alguma vez atraz os olhos volto,
Adeus... chorando... minha patria... digo,
Adeus, paragens bellas, onde ufano
O Tejo pára, e d'aguas confundido
Em o mar brandamente s'adormece;
De vós m'aparto, encantos aprasiveis!
Aos bosques me encaminho pressuroso,
Bem como o cervo, que ferido sendo
Do fatal golpe do farpão ervado,
Aos altos cumes sobe, e desce aos plainos,
E pára além dos turbidos arroios!
Em vão, ai triste! em vão agudo ferro
Tinto de borbulhante, rubro sangue,
Junto do coração leva pendente!!
Sinto no peito abrazadora chamma;
Nem distancia, nem tempo a dôr minora,
E conserva fiel minha memoria
Da bella ausente as feiticeiras graças,
O garbo, o canto, o divinal sorriso,
Ebanicos, undivagos cabellos,
E o claro resplendor dos olhos bellos;
O coração, que nobre peito encerra,
Em que amor palpita brandamente,
Desculparão meu cego desvario!!...
Se dá conforto á dôr, se a dôr se presta,
Com brandas azas o benigno somno,
Filho da umbrosa, taciturna noite,
Ao fatigado espirito apparece,
Da partida cruel momento infausto!
Contemplo os olhos d'esplendor divino,
Que d'amorosas lagrimas s'inundam;
Soltas ao vento as ondeadas tranças,
A branca veste agitada deslaçar-se;
Da maviosa voz doces queixumes,
Que poderão pôr freio a furia insana
Do mar desfeito em procellosas vagas!!...
Eu tremo, mas em vão, a linda imagem
Pressuroso de mim quero apartar,
Mas com suspiros da paixão nascidos
Minha partida estorva a bella amante;
E deslumbrada meu amor accusa
D'ingrato e desleal, e já rendida
Fica embargada a voz, perdido o alento!...
De louco devaneio então tomado,
Aperto ao peito meu seu niveo seio,
Unindo aos labios meus seus lindos labios,
Eu juro ao céu, que faltará primeiro
Debil alento da existencia minha,
Do que pode-la eu ver d'outrem nos braços!
E que sepulte assim no esquecimento
Do meu constante amor a chamma ardente!
Envolto em magoa o coração palpita,
E bem a seu pezar de mim se aparta,
Leva comsigo a imagem da tristeza,
Pois a ausencia mais qu'a morte é dura.
Se no céu piedade encontrar póde
D'infeliz amador humilde brado,
Bastem as tantas já soffridas penas;
Possa o tempo trazer-me alegres horas,
Que possa eu vêr contente o terno agrado,
Ouvir-lhe a branda voz, meigo sorriso;
Mas s'o destino cruel, atroz fereza!
M'ordena viva d'ella sempre ausente,
Tem do desditoso, ó céu, piedade!
D'estes males evita acerbos damnos,
Da clara luz meus olhos se deslumbrem,
Sim, antes a vital carreira finde,
Volva o ser immortal á stancia tua,
Dest'arte o pobre, triste lamentava
Essa ausencia cruel em que vivia!!

AYRES PINTO DE SOUZA.

NOTICIAS.

Actos Officiaes.

31 DE MAIO A 5 DE JUNHO.

Diario n.º 128.

514 ESTATISTICA do Supremo Tribunal de Justiça, relativa ao mez de Abril.

Resumo geral do lançamento da decima e impostos annexos no anno economico de 1847 a 1848, no districto da Evora. É este resumo de 79:609$445 réis.

Mappa dos documentos respectivos a tributos directos, que desde 1 de Junho de 1848 até 31 de Março ultimo constou officialmente terem sido entregues aos recebedores, para procederem á sua cobrança. É a sua importancia de 2.950:672$224 rs.

—

Dito n.º 131.

Auto de amortisação das notas na somma de rs. 81:793$200.

Notas amortisadas até ao dia 3 de Maio de 1849.	1.423:942$800
Ditas no dia 4 de Junho.	81:793$200
Em circulação.	3.494:264$000

Solemnidades religiosas.

515 A RESPEITAVEL Irmandade dos Clerigos Pobres celebrou este anno, na freguezia de Nossa Senhora da Encarnação, uma festa á Santissima Trindade. Assistiu o Em.º Sr. Cardeal Patriarcha, Presidente da irmandade. A solemnidade foi feita com pompa e devoção.

Pautas de Hespanha.

516 COM rasão a nossa industria manufactureira, os homens que pensam na situação economica de Portugal, e os negociantes se atemorisaram com a admissão de artefactos estrangeiros em Hespanha. Temos a este respeito uma noticia, que minora o mal: os direitos são calculados entre 35 a 50 por cento, e são quasi prohibitivos. D'este modo o facto significa mais pelo futuro do que pelo presente.

Estava doido ou não estava doido?

517 Com pesar, e contra a nossa opinião e os nossos desejos, vemos que a direcção ou o governo dos alienados do Hospital está, perante o publico, responsavel por um facto de maxima gravidade.

A imprensa tractou como devia, e com imparcialidade, a questão de um alienado que se dizia feito por força. O silencio dos tumulos respondeu aos brados humanitarios da imprensa. A infeliz lembrança, que o Sr. Beirão teve de escrever a este respeito, implicou mais o caso, e se nos não tivessemos enganado no local, nem esse documento apparecia. Ha cinco dias que o *Esculapio* asseverou:

«Que a pessoa tida como alienada o não estava em virtude da sciencia dirigida pelas formulas da lei:

«Que depois dos artigos que se tem escripto, o Sr. José Patricio da Silveira fôra tirado da respectiva enfermaria, ou calaboiço, para um quarto particular:

«Que finalmente já teve liberdade para voltar a sua caza.»

Nenhuma d'estas asserções foi contestada, nem ao menos por alguma importante rectificação de local, dia ou hora.

¿Então em que ficamos? ¿O homem estava ou não estava doido?

É mister saber se as pessoas com perfeito juizo e que são ricas, vão para o hospital de alienados, emquanto os doidos espancam a gente pelas ruas, e as doidas que percorrem a cidade são victimas de brutalidades inauditas. A missão da imprensa, que a politica não invade, é apontar para estas chagas da sociedade, em vez de gastar o seu credito e poder em combates similhantes aos do heroe de Cervantes.

Cholera-Morbus.

518 Eis-aqui a conta exacta das pessoas, que teem sido attacadas da cholera em París, que teem entrado para os diversos hospitaes, e das que teem succumbido.

Ate ao dia

	Cholericos.	*Augmento.*	*Mortes.*
14 de Abril.....	1:761	»	1:022
17.....	1:989	228	1:132
19.....	2:220	231	1:245
21.....	2:343	123	1:324
24.....	2:531	188	1:418
26.....	2:608	77	1:460
28.....	2:747	139	1:532
1 de Maio.....	2:936	189	1:628
3.....	3:058	122	1:698
5.....	3:291	233	1:768
8.....	3:620	329	1:950

A primeira columna demonstra a totalidade das pessoas attacadas da epidemia; a segunda o numero das que teem entrado nos diversos hospitaes nos intervallos de dois ou tres dias; e a terceira a totalidade dos mortos.

Eis-aqui agora a conta das pessoas, que teem succumbido, e que se teem tractado em suas cazas:

27 de Abril.....	34
28.....	25
29.....	28
30.....	48
1 de Maio.....	51
2.....	35

O jornal francez, d'onde extrahimos estes dados, publica-os com o fim louvavel de desvanecer o terror, que se havia infundido na povoação de París, pelo rumor, que vogava, de que a cholera, em vez diminuir, progredia de um modo espantoso; e refere o seguinte methodo de curativo, que tem dado optimos resultados, apresentado á Academia das Sciencias por M. Serres, medico do hospital da *Piedade*.

«Este tractamento consiste — (traduzimos litteralmente) — em pillulas de sulphureto de mercurio, fricções sobre o abdomen com unguento mercurial, clystéres compostos com 125 grammas de amido, 20 c. de camphora, e 6 gotas de laudano. Os resultados, alcançados por M. Serres, são mui notaveis: pois que em 16 cholericos, que foram sujeitos a este tractamento, 12 curaram-se, e apenas 4 succumbiram.»

Este tractamento já tem sido experimentado fóra de París; e M. Robert, antigo medico do lazareto de Marselha, affiança a efficacia do tractamento mercurial contra a cholera.

Cartas de París de 23 de Maio noticiam que a epidemia parecia começar a diminuir. Em um dos ultimos dias o numero dos cholericos entrados nos hospitaes diminuiu até 76.

* *

Não é bom brincar com a morte.

519 O Sr..... era um estimavel mancebo de 27 annos de edade, e unico filho varão de uma das cazas mais estimaveis do bairro da***. Este mancebo tinha tres irmãs: uma d'estas meninas achava-se convalescendo de uma angina que a tinha posto ás portas da morte.

Em domingo de Paschoa o irmão, entre diversos gracejos com que respondia aos das irmãs, dirige-se para a convalescente, que mais o apertava com os seus ditos picantes, e diz-lhe: — «Tu motejas-me pela minha pallidez, pois digo-te que tu, que te julgas já tão boa para zombares do motivo a que attribues a minha pallidez, não duras mais de 30 dias!...» — «E tu — lhe pergunta a irmã a quem se dirigia esta fatidica zombaria — quando me irás fazer companhia?» — «Passadas 48 horas depois da tua morte.!» — Uma estrondosa gargalhada de todos os circumstantes terminou esta contenda.

Eram apenas passados dez dias, o mal da pobre menina aggravou-se-lhe de modo, que tomou os Sacramentos a 7 do corrente mez, e expirou na madrugada de 8.

No dia 12 enterrava-se no cemiterio dos Prazeres

o desgraçado mancebo, que succumbiu a um ataque de apoplexia. * *

Maio.

COMMERCIO.

520

Cereaes em 6 de Junho.

Trigo do reino rijo	de	330	a	400	réis	a bordo.
» » molle	de	400	a	440	»	»
» da ilha	de	330	a	370	»	»
Milho do reino.....	de	250	a	260	»	»
» da ilha.....	de	205	a	220	»	»
Cevada do reino	de	180	a	190	»	»
» da ilha	de	180			»	»
Centeio do reino	de	210	a	220	»	»

— Na praça de Londres, foram, em 26 de Maio, cotados os fundos publicos das differentes nações do seguinte modo:

FUNDOS INGLEZES.

Do Banco		193	195	Por 100.
Consolidados.....	3 p. %	91¼	91⅜	»
Redusidos.	3 »	89¾	90	»
Fundos	3¼ »	90⅝	90⅞	»
Exchequer bills de Março ..		44	48	Premio.
» de Junho ..		44	48	»

ESTRANGEIROS.

Belgas.....	4½ »	80	82	Por 100.
Brasileiros.....	5 »	77	79	»
Dinamarquezes	3 »	—	—	»
Hispanhoes	5 »	15	16¼	»
Ditos	3 »	32¾	32½	»
Hollandezes.....	5 »	74	75¾	»
Ditos.....	2½ »	48¼	48½	»
Mexicanos.....	5 »	28¼	28½	»
Portuguezes.	4 »	27	28	»
Ditos consolid. 1841 .	—	26	27	»
Ditos divida interna .	—	Sem preço.		—
Russos.....	5 »	101	103	»

— Na mesma praça foram cotados os cambios para com as outras praças do modo seguinte:

CAMBIOS.

Lisboa.....		53		Por 1$000 rs.
Porto.....		53	53¼	»
Rio de Janeiro.....		25	25¾	»
Bahia.....		—	—	—
Paris	25	65	70	»

Praça de Lisboa, 5 *de Junho*. — Fundos publicos de 5 por cento tem-se realisado bastantes transacções a 52 e 52½. Acções do Banco de Portugal houve vendas por 480$000 rs. Dos mais papeis não ha alteração.

— *Estado do mercado em* 6 *de* Junho *de* 1849.

Assucar. — Continua frouxo, estando paralisada a reexportação. Os preços teem regulado de 1$550 a 1$400 rs. o branco, e 1$150 a 1$050 o mascavado de Pernambuco.

Café. — Vendeu-se algum do Rio, 1.ª sorte a rs. 1$750. Ha poucos compradores.

Marfim. — Effectuaram-se algumas vendas do de Angola a 940 rs. pelo lei, 840 rs. meão, e 550 rs. o escaravelho.

Cera. — Para reexportar houve vendas da amarella d'Angola a 220 rs.

Expediente.

ESCRIPTORIO — Rua dos Fanqueiros n.º 82.

Correspondencia franca de porte — ao Redactor e Proprietario da Revista Universal Lisbonense.

Assignatura.

Doze numeros.....	$600	réis.
Vinte e quatro ditos	1$200	»
Quarenta e oito ditos.....	2$400	»

Por assignatura sahe cada numero a 50 réis: *avulso* vende-se por 80 réis.

Todos os artigos, não assignados ou marcados, pertencem á Redacção.

A Redacção deste Jornal acceita e agradece qualquer noticia fidedigna e interessante que seja enviada.

A Redacção annunciará, e, convindo, analysará qualquer publicação estrangeira ou nacional, que lhe seja remettida. O annuncio se fará na parte bibliographica. Quando assentar que o não deve fazer restituirá a publicação de que não der noticia.

Todos os inventores, auctores, ou outras pessoas que desejarem faser conhecer ao publico, machinas, livros, sementes, plantas, objectos de arte, medicamentos, etc. poderão mandal-os para o Escriptorio da Revista, annunciando-se e descrevendo-se gratuitamente no Jornal.

— Agradecemos o Mappa de População, que nos remetteram de Aveiro.

— Agradecemos o favor do Sr. Lecocq, ao qual daremos o competente destino.

— Recebemos uma poesia do Sr. Palmeirim.

Errata. — Na pag. 280, 1.ª col., lin. 5, depois de — biographica — accrescente-se — bibliographica.

Na mesma pag. e col., lin. 38, em logar de — Primeiro Ensaio sobre a Hist. de Port. — deve dizer-se — *Primeiro Ensaio sobre a Historia Litteraria de Portugal.*

Na mesma pag., 2.ª col., lin. 41, em logar de — Dumaurier — lêa-se — *Dumourier.*

Na pag. 281, 1.ª col., lin. 24, em vez de — Veja-se o nosso — lêa-se — Veja-se o nome.

Na pag. 345, 1.ª col., lin. 16, em vez de — Cardinal — lêa-se — Cardinal.

Na mesma pag. e col., lin. 47, em vez de — fulgíra — lêa-se — fulgúra.